



Obra publicada pela Universidade Federal de Pelotas

Reitor: Prof. Dr. Mauro Augusto
Burkert Del Pino
Vice-Reitora: Profa. Dra. Denise
Petrucci Gigante

Pró-Reitora de Extensão e Cultura: Profa. Dra. Denise
Marcos Bussolleti
Pró-Reitor de Graduação: Prof. Dr. Alvaro Luiz Moreira
Hypolito
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: Prof. Dr. Luciano
Volcan Agostini
Pró-Reitor Administrativo: Antônio Carlos de Freitas Cleff
Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento: Luiz
Osório Rocha dos Santos
Pró-Reitor de Recursos Humanos: Sérgio Eloi Teixeira
Wotter
Pró-Reitor de Infra-Estrutura: Evaldo Tavares Kruger
Pró-Reitora de Assistência Estudantil: Ediane Sievers
Acunha
Diretor da Editora e Gráfica Universitária: Prof. Dr. Aulus
Mandagará Martins

CONSELHO EDITORIAL

Profa. Dra. Carla Rodrigues | Prof. Dr. Carlos Eduardo
Wayne Nogueira | Profa. Dra. Cristina Maria Rosa | Prof.
Dr. José Estevan Gaya | Profa. Dra. Flavia Fontana
Fernandes | Prof. Dr. Luiz Alberto Brettas | Profa. Dra.
Francisca Ferreira Michelon | Prof. Dr. Vítor Hugo Borba
Manzke | Profa. Dra. Luciane Prado Kantorski | Prof. Dr.
Volmar Geraldo da Silva Nunes | Profa. Dra. Vera Lucia
Bobrowsky | Prof. Dr. William Silva Barros

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

Diretor: Prof. Dr. Sidney Gonçalves Vieira
Vice-Diretor: Prof. Dr. Sebastião Peres

NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA

Coordenadora:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Membros do NDH:

Profª Dra. Beatriz Ana Loner

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezat

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Técnico Administrativo:

Veronica Medeiros dos Santos

HISTÓRIA EM REVISTA – Publicação do Núcleo de
Documentação Histórica

Comissão Editorial:

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Profª Dra. Beatriz Ana Loner

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezat

Conselho Editorial:

Profª Dra. Helga I. Landgraf Piccolo (UFRGS)

Prof. Dr. René Gertz (UFRGS) (PUCRS)

Prof. Ms. Mario Osorio Magalhães (UFPEL)

Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)

Profª. Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFSM)
Profª. Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)
Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFP)
Profª. Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)
Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de Buenos
Aires).
Prof. Tommaso Deti (Università Degli Studi di Siena)

Editor: Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Edição e Capa: Paulo Luiz Crizel Koschier

Editora e Gráfica Universitária

R Lobo da Costa, 447 – Pelotas, RS – CEP 96010-150 |

Fone/fax: (53)3227 8411

e-mail: editora@ufpel.edu.br

Impresso no Brasil

Edição: 2015/2016

ISSN – 1516-2095

Dados de catalogação na fonte:

Aydê Andrade de Oliveira - CRB - 10/864

História em revista / publicação do Núcleo de
Documentação Histórica. Instituto de Ciências
Humanas. Universidade Federal de Pelotas.
v.21/v.22, (dez. 2015/ dez. 2016). – Pelotas:
Editora da UFPel, 2015/2016.
1v.

Anual

ISSN 1516-2095

1. História - Periódicos. I. Núcleo de
Documentação Histórica. Instituto de Ciências
Humanas. Universidade Federal de Pelotas.

CDD 930.005

Indexada pela base de dados Worldcat
Online Computer Library Center

PEDE-SE PERMUTA
WE ASK FOR EXCHANGE

UFPel/NDH/Instituto de Ciências Humanas

Rua Cel. Alberto Rosa, 154

Pelotas/RS - CEP: 96010-770

Caixa Postal 354

Fone: (53) 3284 3208

<http://wp.ufpel.edu.br/ndh/>

e-mail: ndh.ufpel@gmail.com

* Obra editada e publicada em dezembro de 2017

volume
21
Dez 2015
ISSN 1519-2685

volume
22
Jan 2016
ISSN 1519-2685

ICH - UFPEL

A ALVORADA
HISTORIOGRAFIA
MUSEU NACIONAL
PELOTENSE
ARQUEOLOGIA
MUSEU
MEDIEVO
DIÁRIOS
CRÔNICAS
LIVROS DIDÁTICOS
ESTADO
LAZER
FONTES HISTÓRICAS
CARTAS
JOINVILLE
INTERNET
HISTÓRIA CULTURAL
O EXEMPLO
ESCRITA
EDUCAÇÃO
NEGROS
HARTOG
SAMBAQUI
BIBLIOTECA NACIONAL
METODOLOGIA
JORNAL

História em revista
revista do núcleo de documentação histórica



A CRÔNICA COMO FONTE IMPRESSA: APONTAMENTOS SOBRE O CRONISTA PELOTENSE ALBERTO COELHO DA CUNHA (1853-1939)

THE CHRONICLE PRINTED SOURCE: NOTES ON CHRONICLER
FROM PELOTAS ALBERTO COELHO DA CUNHA (1853-1939)

Jéssica Oliveira de Souza¹

Resumo: A crônica é um gênero da literatura popularizado no século XX, com o surgimento da imprensa. Sua produção está vinculada aos periódicos, por isso é breve e costumeiramente aborda temas sensíveis ao urbano. O presente artigo aborda parte da produção do escritor pelotense Alberto Coelho da Cunha (1853-1939), mais especificamente sua coletânea denominada “Antigualhas de Pelotas”. A pesquisa se desenvolve a partir da análise dos documentos produzidos por Alberto que se encontram salvaguardados na Bibliotheca Pública Pelotense (BPP) e no Instituto Histórico e Geográfico de Pelotas (IHGPEL). O texto discute o emprego de uma fonte impressa peculiar para o estudo da história, vista da perspectiva das representações urbanas.

Palavras-chaves: História, Fonte impressa, Crônica, Pelotas

De Clio à Kalíope: por onde andei?

Motivados pelos encantos de Clio e Kalíope, surgiu no ano de 2011, na Universidade Federal de Pelotas, um grupo de alunos determinados a estudar as relações entre os domínios destas duas musas. Acolhidos e coordenados pela professora Ana Inez Klein, da área de Teorias da História, tivemos os primeiros contatos com autores como Roger Chartier e Sandra Pesavento. Constituiu-se assim o projeto de ensino “Relações da História com a Literatura”.

Quando me inseri ao grupo, ainda caloura do Bacharelado em História, pude identificar-me e investir nos meus gostos e afinar meu tato para leitura de textos historiográficos. Além de me deixar seduzir pelos encantos da relação entre História e Literatura, fui seduzida pela cidade de Pelotas, quando me aproximei mais de sua história, trabalhando no Programa de Preservação do Patrimônio Cultural da Região do Anglo, coordenado pela professora Noris Leal do Departamento de Museologia da UFPel.

Foi nesse momento, no ano de 2012, que a crônica de Alberto Coelho da Cunha, cruzou minha formação, conduzida pela professora Ana Inez Klein.

¹ Universidade Federal de Pelotas, Programa de Pós-graduação em História. E-mail: jeoliveira.souza@hotmail.com

Nesse mesmo ano, ingressei em um projeto de pesquisa intitulado “A pesquisa sobre a cidade no Rio Grande do Sul”, coordenado pela mesma professora. Eu tinha a oportunidade, então, de trabalhar com a temática da história e da literatura, a partir de um cronista pelotense, que permitiria, ainda, unir a pesquisa sobre a cidade, o que resultou no meu trabalho de conclusão de curso intitulado “A análise das crônicas de Alberto Coelho da Cunha (1853-1939) como fonte da história da cidade de Pelotas”.

O *corpus* documental analisado durante a monografia me remeteu a uma série de questionamentos e indagações como pesquisadora, principalmente na representação de urbano positivo que transmite a escrita do autor e também os assuntos por ele abordados em sua coluna. É nesse pilar de investigação que irá se desenvolver o estudo aqui apresentando.

Durante seus 41 anos como servidor público, Alberto Coelho da Cunha desempenhou importante papel registrando a história da cidade de Pelotas. Grande parte de seus textos foi conservada e hoje se encontra no acervo da Bibliotheca Pública Pelotense, compondo o Fundo Documental Alberto Coelho da Cunha. No local, há uma relação da obra de Alberto, elaborada por Henrique Carlos de Moraes, que lista mais de 95 itens por ele produzidos.

A crônica como fonte impressa

Pensar a crônica como fonte da história, é pensar as diversas formas como a vida pode ser representada em determinado período. É mexer com o sentimento, com delicadeza de um passado do qual jamais tomaremos em mãos, como um objeto de estudo concreto, palpável e que se caso der errado poderemos arrumar, modificar, acelerar ou desacelerar os resultados que foram dele obtidos (PESAVENTO, 2004).

Gênero literário já consolidado, essa forma de narrativa simples, direta e de rápido consumo traz um relicário a ser descoberto quando confrontado com a presença do pesquisador. Ganhando impulso com a abertura proporcionada pela Escola dos Annales (mais especificamente pela terceira geração) a partir de sua presença na imprensa de periódicos, a crônica remonta um cenário urbano a ser desbravado pelo historiador (KLEIN, 1997). O mesmo, sabendo da condição do pequeno texto de representar fatos, aceita desvendar uma das muitas possibilidades de remontar o passado, sendo essa a que foi registrada pelo cronista.

A crônica é o texto que trata da história da cidade, que apreende o momento sensível de suas transformações que serão objeto de estudo para o historiador. Pode-se afirmar que as crônicas compõem o germe, senão a própria

historiografia das cidades.

Muito já foi produzido sobre a história da cidade, mas pouco se avançou no sentido de se ter a cidade como objeto de análise. Comumente a cidade não passa de cenário onde ocorrem os processos, onde acontece a história. A cidade raramente aparece analisada como processo urbano, como fenômeno de urbanização que tem suas próprias redes de relações, que guarda os fatos cotidianos, que complementa e faz a história de seus sujeitos, prédios e praças (RANGEL, 2009)

Marisa Carpintéro e Josianne Cerasoli, em seu texto intitulado “A cidade como história”, afirmam que apesar dos ares de novidade, só na década de 1980 o tema da cidade se insere no campo historiográfico brasileiro:

As abordagens são numerosas, proporcionais à quantidade de pesquisas sobre questões urbanas constantes na historiografia, apesar da relativa novidade da temática que apenas na década de 1980 veio a se tornar efetivamente pauta dos estudos históricos no Brasil. (CARPINTÉRO; CERASOLI, 2009, p.70)

Segundo Pesavento, a chegada nos anos 90 da “nova história” impulsionou os estudos sobre o fenômeno urbano dentro do campo histórico, ganhando nova abordagem:

O que cabe destacar no viés de análise introduzido pela história cultural é que a cidade não é mais considerada só como um *locus* privilegiado, seja da realização da produção, seja da ação de novos atores sociais, mas, sobretudo, como um problema e um objeto de reflexão, a partir das representações sociais que produz e que se objetivam em práticas sociais. (PESAVENTO, 2007, p. 13)

No livro “Fontes Históricas”, organizado pela historiadora Carla Bassanezi Pinsky (2005), com a contribuição de oito autores, constam discussões teóricas e metodológicas sobre seis fontes inseridas na pesquisa historiográfica contemporânea, sendo elas: documentais (dos arquivos), arqueológicas, impressas, orais, biográficas e audiovisuais.

É no conjunto de fontes impressas que se encontra a crônica, na renovação da preocupação com o cotidiano na história que resulta o registro dos pequenos fatos, muitas vezes banais, do dia a dia, do sujeito anônimo. Sua inserção vem motivada pela necessidade do historiador em buscar uma nova abordagem para sua pesquisa, o que levou a incorporação dos periódicos como fonte para acessar o passado. Herdeira do folhetim, a crônica encontrou seu espaço a partir do século XIX nos jornais europeus, mas só se popularizou nos periódicos do Brasil no século seguinte.

Chamo a atenção para dois aspectos fundamentais da crônica, sendo ela uma fonte impressa, para trabalhar a representação do urbano:

1. Trata-se de um texto curto, de fácil consumo, produzido para logo ser publicado. O objetivo dessa fonte é atingir o público leitor nas feições do seu dia a dia. Neste sentido a crônica é um produto moderno, por estar ligada ao jornal retrata a necessidade do instantâneo, do imediato;
2. É um texto urbano. A crônica retrata o cotidiano da cidade, registrando de forma peculiar os traços geográficos, culturais, sociais e econômicos que passam invisíveis, por vezes, em grandes obras.

Estes aspectos, além de situar a contribuição da crônica na pesquisa historiográfica, também contribuem na análise de autor, texto e contexto que será atribuída a fonte por se tratar de uma escrita literária. Por esse motivo, relaciono aqui a obra “Machado de Assis, historiador”, de Sidney Chalhoub (2003), onde o mesmo se propõe analisar a produção do grande literato brasileiro João Maria Machado de Assis (1839 – 1908), apresentando novas colaborações para história do Brasil do século XIX.

Chalhoub vasculhou minuciosamente nos documentos do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, a atuação de funcionário público de Machado de Assis durante o período que exerceu chefia sobre a segunda seção da Diretoria da Agricultura do Ministério da Agricultura. A funcionalidade de tal cargo teve vigor entre as décadas de 1870 e 1890, a seção acompanhou nesse tempo a aplicação da lei de 28 de setembro de 1871 – posteriormente conhecida como Lei do Ventre Livre, e os assuntos que mais lhe cabiam eram políticas de terras e escravidão.

É a partir dessa perspectiva documental, principalmente nesse contexto histórico muito rico de transição do Brasil Império para República (junto ao processo de “modernização capitalista” do país) que o autor apresenta parte de suas colaborações sobre um Machado de Assis, escritor, proveniente da geração de 1870. Chalhoub, também se utiliza da análise autor, texto e contexto a qual é desenvolvida na pesquisa sobre a representação do urbano de Alberto Coelho da Cunha.

Outro texto que ajuda a localizar o objeto de análise desse artigo é a dissertação do historiador Rosendo da Rosa Caetano, intitulada “O nazifascismo nas páginas do *Diário Popular*: Pelotas, 1923-1939.”. Nela o autor se utiliza do mesmo período que são publicadas as crônicas de Alberto. No trabalho de Rosendo consta como o capítulo 1: “O Diário Popular: A evolução

da tinta” que colabora com as análises sobre a formação do jornal, sua tendência política, sua formação e financiamento que são questionamentos propostos como sugestão de metodologia para se trabalhar com fontes impressas escrita pela autora Tânia Luca, no livro “Fontes Históricas” (2005), que vem a contribuir e ajudar na construção da representação do urbano presente na obra de Alberto.

Crônica, cidade e história: Alberto Coelho da Cunha enquanto cronista

Em outubro de 1939, o *Diário Popular*, com pesar, encerrava uma de suas colunas, intitulada “Antigualhas de Pelotas – Cidade em crescimento”, escrita por Alberto Coelho da Cunha. Havia falecido o filho abolicionista do Barão de Corrientes, o contista, colunista, Secretário aposentado da Intendência do Tesouro Municipal de Pelotas. Mas, principalmente, aquele que, diferente de seus pares, os quais viriam na posterioridade a escrever sobre Pelotas, jamais abandonou os jornais e as revistas para, quem sabe, tornar-se um autor reconhecido e tomar as memórias dos seus conterrâneos.

Na nota de despedida da coluna, a redação do periódico assim faz referência ao seu colunista:

Em tudo que escrevia, Alberto Cunha se mostrava um esmerado. Esmerava-se na forma e no estilo. Aquela, sempre pura, este, enveredando para os clássicos. Esmerava-se, também, nos por menores, guardando-lhes fidelidade absoluta, até mesmo quando sublinhava os seus comentários com certa dose de ironia. [...] Com a morte de Alberto Cunha, o DIÁRIO POPULAR perde um dos seus mais ilustres colaboradores, uma das suas mais legítimas preciosidades.” (ACERVO DA BPP – Fundo ACC, caixa 002, Recorte de periódico, Coluna: Vidas Secas, Outubro:1939)

Percebe-se que Alberto se manteve um escritor ativo até os últimos anos de vida, tendo uma produção com valiosas informações sobre a história de Pelotas. Além de escrever para o *Diário Popular*, seus escritos encontram-se nas folhas de periódicos da segunda metade do século XIX como: *Revista do Parthenon*, *O Jornal do Comércio*, *Diário de Pelotas*, *A Opinião Pública* e *A Voz do Escravo*. Infelizmente muitos desses periódicos não deixaram vestígios suficientes para que tenhamos acesso. Sua última produção foi as “Antigualhas de Pelotas” e, segundo Arriada (1993), somente a primeira parte, publicada no jornal “A Opinião Pública”, tem 81 artigos. Seus primeiros contos tiveram como cenário as charqueadas, Alberto também fez apontamentos sobre a história do Rio Grande do Sul, seu relevo e formação como República.

No livreto “Traços Biográficos”, escrito por Guilherme Echenique (1940), consta parte da genealogia de Alberto Coelho da Cunha. Nascido no dia 13 de setembro de 1853, ele é filho de Felisberto Ignácio da Cunha e Maria Antônia Coelho. Pelo lado paterno são seus avós José Inácio da Cunha e Zeferina Gonçalves da Cunha. Sendo bisavós paternos Manoel Inácio Gomes e Tereza Maria da Silva; e ao mesmo tempo paternos e maternos Felisberto Gonçalves Leal e Anna Maria de Jesús, e apenas pelo materno Jerônimo José Coelho e Maria Avila da Silveira.

O mundo das letras se apresentou para Alberto desde os seus seis anos de idade, quando este ingressou na turma da professora Marucas Domingues. Ainda durante sua infância frequentou o colégio primário de Inácio de Miranda Ribeiro, conhecido como “Polegada” e, posteriormente, o secundário de José de Seixas. Aos treze anos Alberto foi para capital do Império dar continuação aos seus estudos. Em 1869, ao retornar do Rio de Janeiro no período de férias escolares, apresentou um quadro persistente de laringite, “desistindo de voltar para a metrópole” (ECHENIQUE, 1940, p.4).

Alberto, um jovem de 16 anos, provido de família abastada e correspondendo a alguns dos comportamentos esperados para tal em sua época, ao voltar do Rio de Janeiro, vai trabalhar no escritório de seu pai como ajudante de guarda-livros. Entre um dos recortes de jornais, encontrados na pasta 002 do seu fundo na Bibliotheca Publica Pelotense, está a coluna intitulada “VIDAS”, escrita por Zênia de Léon, sem datação, que aborda a vida de Alberto. Nela, a escritora se refere ao pai do cronista como homem de destacada posição social, política e econômica. Ele possuía charqueadas em Pelotas e no Uruguai, tendo influente participação no Partido Liberal.

Zênia apresenta Felisberto Cunha como um senhor de escravos, que teria recebido o título de Barão de Corrientes pelo Conselho de Dantas, após libertar suas escravas antes dos demais charqueadores da região. Informações que Arriada e Santos (2007) confirmaram em seu artigo. A partir desses dados, percebemos que a instrução de Alberto no campo político e literário vem desde o âmbito familiar. Guilherme Echenique (1940) relata que seus primeiros contos foram escritos em momentos de folga, quando Alberto trabalhava de ajudante de guarda-livros no escritório do pai. Convidado por Aquiles Porto Alegre enviou-os para a “Revista do Parthenon” com os pseudônimos de Victor Valpírio e Jatyr (ARRIADA; SANTOS 2007).

Assim foram inseridos os dois pseudônimos de Alberto Coelho da Cunha no universo de escritores ativos, durante o século XIX, que preencheram as páginas dos periódicos regionais e pelotenses da época. Suas primeiras

produções tiveram cunho abolicionista e republicano, estando mais ligadas à escrita literária na forma de contos. Aquiles motivou-o a continuar produzindo, mas já de início Alberto se deparava com alguns incidentes oriundos da posição política em que escrevia, quando enviou a fantasia literária intitulada “Pesadelo” para a Revista do Parthenon.

Tal 'pesadelo' assaltava "D. Pedro Ultio", que via em sonho esboroar-se o único trono que pompeava em terras americanas; que sentia resvalar-lhe da frente a corôa imperial, subergindo-se em ondas revolucionárias, desencadeadas pelos espíritos vingativos de Felipe dos Santos, Tiradentes, Badaró, Rateciíf, Pedro Ivo, Padre Roma, Frei Caneca; cujos fantasmas surgiam para aterrorizar a Magestade que, soltando um grito lancinante, acordara ante a vizão de sua familia expatriada, a caminho do exílio. (ECHENIQUE, 1940, p.5)

Devido ao tom “revolucionário”, por fazer analogia ao fim do império, os sócios do “Parthenon” definiram a literatura de Alberto como inadequada para a Revista, uma vez que estes eram monarquistas. O escritor decidiu, então, encaminhá-la a outro periódico, dessa vez na capital do Império:

Retrocedendo do caminho erroneamente tomado, rumou o "Pesadelo" para a Côte Imperial, ao encontro d' "A Republica", jornal então redigido por Quintino Bocayuva, Salvador de Mendonça e Francisco Cunha, onde teve acolhida, sendo publicado em folha suplementar e recomendada sua leitura aos assinantes, em artigo laudatório. (ECHENIQUE, 1940, p.5)

Após a rejeição de sua fantasia literária, Alberto era um dos poucos adeptos ao fim da monarquia no sul do país, enquanto a onda republicana se expandia e ganhava força na metrópole. No fim do ano de 1870, os adeptos de que o Brasil se tornasse uma República reuniram-se para a consolidação definitiva de um partido e a fundação de um jornal, órgão de divulgação do mesmo. Com menos de 18 anos, Alberto envia adesão ao partido e logo após assina o seu Manifesto, no dia 03 de dezembro do referido ano. Pode-se concluir que, ainda que sua morada no Rio de Janeiro tenha sido curta e em idade precoce, o escritor estabeleceu redes de relações que são importantes para pensarmos suas posições políticas abolicionistas e antimonarquistas, a despeito de sua privilegiada condição social em Pelotas, importante pólo da economia charqueadora, baseada no trabalho escravo.

É justamente a partir dessas posições políticas que o escritor inicia sua vida enquanto cronista. Guilherme Echenique (1940, p.6) o define como um “[...] republicano, democrata e abolicionista, por intuição espontânea”.

Nas últimas décadas de vida, como já citado, Alberto escreveu as “Antigualhas de Pelotas”, publicadas em duas partes, a primeira no periódico

“A Opinião Publica” e a segunda nas colunas do “Diário Popular”, jornal que circula até os dias atuais em Pelotas. Muitas são as representações culturais, sociais e econômicas que se encontram submersas nas “Antigualhas” de Alberto. Hoje, seus escritos recompõem experiências passadas que são importantes para os historiadores contemporâneos:

[...] para a recuperação de uma cidade há que ter em conta, ainda, essas narrativas de fronteira entre o documental e a ficção que são as crônicas de jornal que falam do urbano, ou os discursos de memórias que recompõem no tempo presente reminiscências e experiências passadas, contando as cidades do passado que as cidades de hoje encerram. (PESAVENTO, 2007, p.19)

Alberto escreveu durante toda a sua vida e não se deteve às crônicas. Também elaborou relatórios e produziu contos, dos quais se utilizam muitos historiadores da cidade de Pelotas. O historiador Eduardo Arriada utiliza os escritos de Alberto como fonte para aprofundar a história da educação no município de Pelotas (ARRIADA; SANTOS, 2007). Em todos os trabalhos é possível perceber a importância da produção escrita de Alberto Coelho da Cunha para descrever e situar o contexto da cidade de Pelotas, seja para tratar de temas clássicos da historiografia, como a escravidão, ou de outros, como as doenças, repressão policial, o surgimento de casas espíritas, enfim recuperar questões do cotidiano urbano.

Alberto, como cronista, mantinha sua coluna alimentada pelos fatos banais, pelo registro do novo que ocorria na cidade, pela dor ou pelo festejo da vida urbana. Elaborava a sua escrita a partir da vida real, os assuntos que aborda são aqueles que chamavam a atenção ou preocupavam os homens de sua época.

A partir da pesquisa biográfica realizada durante o primeiro estágio deste trabalho, três constatações sobre a vida de Alberto podem ser destacadas a fim de orientar questionamentos em relação ao autor, ao seu contexto e ao seu texto, análise necessária para se trabalhar com a representação literária:

1. Sua condição social: filho de pai abastado recebeu uma formação privilegiada, tendo oportunidade de estudar fora da província, fato que enriqueceu seu senso crítico e social. Alberto se tornou um letrado, condição que ele vai ostentar como marca de identidade por toda a vida;
2. O envolvimento político: foi a partir de seu envolvimento político com os republicanos que Alberto teve seus primeiros impulsos como escritor. No seu retorno a Pelotas, no ano de 1869, após residir no Rio de Janeiro, em plena efervescência de ideias abolicionistas e antimonarquistas, que ele começou a divulgar seus

escritos literários, descrevendo a vida na charqueada, denunciando, em seus contos, por exemplo, o trabalho escravo;

3. A profissão: apesar de sua família ser estancieira, Alberto, durante a produção das “Antigualhas de Pelotas”, era servidor público e desempenhava uma profissão tipicamente urbana, sendo ele Diretor da Secretaria do Tesouro do município de Pelotas. Além do destaque deste aspecto urbano da vida do autor, o seu trabalho também proporcionou ao nosso cronista o acesso fácil a informações sobre a história da cidade, com as quais pode contar para a produção das suas crônicas.

Alberto, portanto, situa-se claramente entre os homens da república, entre os políticos do Partido Republicano que veem a cidade como o lugar das instituições e do desenrolar da vida social e da ausência de conflitos. Mas, como cronista, narra aspectos do cotidiano da cidade oportunizando que seu texto seja apreendido pelos historiadores contemporâneos, que tratam dos mais diversos temas relacionados à história de Pelotas. Sendo assim, suas crônicas alimentam as abordagens mais tradicionais e ao mesmo tempo as de cunho mais sociológico.

Considerações finais

Pensar a crônica como fonte da história, é pensar as diversas formas como a vida pode ser representada em determinado período. É mexer com o sentimento, com delicadeza de um passado do qual jamais tomaremos em mãos, como um objeto de estudo concreto, palpável e que se caso der errado poderemos arrumar, modificar, acelerar ou desacelerar os resultados que foram dele obtidos (PESAVENTO, 2004).

Gênero literário já consolidado, essa forma de narrativa simples, direta e de rápido consumo traz um relicário a ser desbravado quando confrontado com a presença do historiador. O mesmo, sabendo da condição do pequeno texto de representar fatos, aceita desvendar uma das muitas possibilidades de remontar o passado, sendo essa a que foi registrada pelo cronista.

Remontar uma pequena biografia do Alberto, perceber sua tácita personalidade, deu um sentido diferenciado para a pesquisa. A sua condição de letrado, sua vida urbana como trabalhador assalariado e sua formação política, mostraram um cronista que merece mais do que o simples rótulo de homem correto, das letras, ou bom velhinho que primava pela vida anônima. Cunha apresentou dados importantes sobre sua cidade, registrou emoções,

transformações e sentimentos, é um “historiador” do seu tempo, como nos diz Pesavento, é sobre narrativa que a vida diária ganha uma luz especial:

Narrador por excelência do cotidiano, o cronista tece fios, recupera redes, articula uma experiência. Ele compõe como que um itinerário pela vida diária, muitas vezes percorrido, mas que, a partir de sua narrativa, ganha uma luz especial. (PESAVENTO, 1997, p.32)

Clio sentiu-se abraçada pelo novo a partir da Escola dos Annales, criada pelo surgimento do periódico “Annales d’Histoire Economique et Sociale”, na França, em 1929. Essa vertente provinda da criação da revista, é fruto do movimento originado por Marc Bloch e Lucien Febvre, que também vai combater a “velha” história, a história dos relatos baseada nos documentos oficiais.

Retornando um pouquinho, no século XIX, o historiador que hoje chamamos de ‘positivista’ tratava de selecionar documentos verdadeiros, analisá-los, pondo à prova sua veracidade interna e externa. A Escola Metódica primava pela objetividade, a construção da narrativa era descritiva e factual, “vista de cima”, uma história protagonizada pelos “grandes homens”. Nesse contexto, não se encontrava espaço para utilização de fontes que tratassem das pessoas comuns e com carácter literário. A norma do documento/registro com certidão de oficialidade prevalecia.

Com a atuação dos historiadores da Escola dos Annales, a História torna-se mais próxima do cotidiano, das pessoas comuns, do indivíduo anônimo e de sua trajetória de vida que se insere no contexto histórico, a partir de suas relações. O relato do fato agora não é a única preocupação dos historiadores, pois a Escola dos Annales, a partir de sua ‘história problema’, propôs que tanto o fato quanto a fonte são uma construção do historiador e, portanto, ambos são do seu domínio, não havendo uma fonte oficial e única para construção de sua escrita (REIS, 2011). A vida dos sujeitos passa a ser um dos objetos centrais da historiografia, sua presença, seus gostos, suas atividades. Esta perspectiva revolucionou a definição e o trato com as fontes.

Toda essa abertura e o giro linguístico (que resultou, entre outras ideias, da consideração de que a reformulação da teoria crítica da sociedade deve operar-se a partir da linguagem, ou seja, que a linguagem, ou no caso, a escrita da história, por si só, não é neutra), também ocorrido no século XX, o historiador passa agora a encarar a sua escrita, não somente com um ofício mecânico, o qual expõe seu resultado de trabalho e investigação. Ele passa ser um escritor pensador, que apesar de não poder mais corresponder a questões historiográficas generalizantes, como no século XIX ou início do XX, agora se

detêm a compreender seu espaço, ou um determinado processo, ou vidas de pessoas que justamente sejam peculiares para mostrar o cotidiano, o banal que se aproxima das nossas vivências. Ele tenta mostrar que os agentes históricos são pessoas comuns.

Se o cronista, em uma escrita leve, retrata a vida no hoje, tece fios, recupera redes, articula experiências (PESAVENTO, 1997), chega próximo de “pessoas sem importância”, e as registra no tempo, na sociedade. O seu texto é, portanto, uma leitura do cotidiano em que está inserido. Não identificamos nossa atuação também com a de um cronista? Seria hoje o historiador também uma espécie de cronista?

Quando a história é dada a ler, acredito que passamos minimamente a nos preocupar com nossos leitores, ainda que esses sejam, em um primeiro momento, nossos pares. A nossa fronteira com literatura se aproxima, passamos também a fazer uma espécie de narrativa, as nossas abordagens mudaram, a popularização da internet, os novos meios de circulação de produção intelectual, o PDF não nos permitem mais fazermos uma história “totalizante” do que está disponível, passamos a tecer e articular nossas experiências para registrá-las no tempo a partir da lógica-histórica (THOMPSON, 1981).

Assim como um cronista em escala reduzida e diária produz para sua coluna, em nossa dimensão produzimos e construímos as leituras de cotidianos passados sobre a ótica do presente, sendo uma espécie de historiadores-cronistas e mantendo nosso compromisso com a realidade histórica.

Referências Bibliográficas

ARRIADA, Eduardo; SANTOS, Rita de Cássia Grecco . Lembranças de um homem simples: as memórias de Alberto Coelho da Cunha. In: **13º Encontro Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação**, 2007, Porto Alegre. Guardar para Mirar: acervos e história da educação. Porto Alegre: UFRGS, 2007. v. 01. p. 01-15.

CAETANO, Rosendo da Rosa. **O nazi-fascismo nas páginas do Diário Popular: Pelotas, 1923 – 1939**. Programa de Pós Graduação em História – UFPel: Pelotas, 2014 (dissertação).

CARPINTÉRO, Marisa Varanda Teixeira; CERASOLI, Josianne Francia. A cidade como história. In: **História: Questões & Debates**. Curitiba, n.50. Jan/Jun/2009. p.61-101. Editora: UFPR.

CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis, historiador**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

KLEIN, Ana Inez. **Crônica e história: a trajetória de seus encontros e desencontros e a análise da "Antigualhas..." de Antonio A. P. Coruja à luz de reflexões atuais sobre esta relação**. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS; 1997 (dissertação de mestrado.)

LONER, Beatriz Ana. **Construção de Classe: operários de Pelotas e Rio Grande “1888-1930”**. Pelotas: Editora Universitária, 2001

PESAVENTO, S. J. . Cidade, espaço e tempo: reflexões sobre a memória e o patrimônio urbano. **Fragments de Cultura**. Goiânia, v. 14, n.9, p. 1595-1604, 2004.

PESAVENTO, Sandra. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, vol.27, n.53, jan-jun, 2007.

PESAVENTO, S. J. . Crônica: A Leitura Sensível do Tempo. **REVISTA ANOS 90**, Porto Alegre, v. 7, p. 29-37, 1997.

PESAVENTO, S. J. . Crônica: fronteiras da narrativa histórica. **História Unisinos**, São Leopoldo, v. 8, n.10, p. 61-80, 2004.

PESAVENTO, Sandra. **Leituras cruzadas: diálogos da história com a literatura**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2000.

PESAVENTO, Sandra. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre**. Porto Alegre:

EDUFRGS, 1999.

PINSKY, Carla (org). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

THOMPSON, E.P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros - uma crítica ao pensamento de Althusser**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. p. 47-62.

RANGEL, Carlos Roberto da Rosa. A cidade como objeto da historiografia. **SAECULUM** - Revista de História. João Pessoa: DH/PPGH/UFPB, n. 21, jul./dez. 2009, p. 111-122.

REIS, José Carlos. O lugar da teoria-metodologia na cultura histórica. **Revista de Teoria da História**. Universidade Federal de Goiás. Ano 3, n.6, dez/2011

Fontes

Fundo Documental Alberto Coelho da Cunha (ACC), Bibliotheca Pública Pelotense.

ECHENIQUE, Guilherme. **Traços Biográficos – Alberto Coelho da Cunha**. Pelotas, 1940.

Abstract: The chronicle is a genre of literature popularized in the twentieth century, with the emergence of the press. Their production is linked to periodic, so it is brief and routinely deals with sensitive issues to urban. This article discusses some production of Pelotas writer Alberto Coelho da Cunha (1853-1939), more specifically its collection called "pellets Antigualhas". The research develops from the analysis of documents produced by Alberto that are enshrined in the Public Bibliotheca Pelotense and the Historical and Geographical Institute of Pelotas. The paper discusses the use of a peculiar printed source for the study of history, viewed from the perspective of urban representations.

Keywords: History, Printed source, Chronic, Pelotas
